

NOTAS A RESPEITO DA ESTRUTURA ARGUMENTAL DE VERBOS COM ALTERNÂNCIA ENTRE TEMA E LOCATIVO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Ana Terra Mejia MUNHOZ*
Rozana Reigota NAVES**

ABSTRACT: Brazilian Portuguese admits a type of syntactic alternation which is found neither in European Portuguese, nor in other Romance languages. In this type of alternation, a nominal phrase, usually expressing location or the whole in a whole-part relation, may be projected with or without a preposition. The construction without preposition has been called topic-subject construction. It consists of an unaccusative verb surrounded by two DPs, the first of them playing the role of subject and expressing a location or the whole of a whole-part relation, and the second DP expressing the part or a theme. This article offers a descriptive view of topic-subject constructions and suggests that the genitive and locative topic-subject constructions may have different analyses, especially in terms of the argument structure of the verbs involved. The empirical observations lead to the hypothetical proposal of locative topic-subject constructions being formed by dyadic unaccusative verbs.

KEYWORDS: argument structure; syntactic alternations; topic-subject constructions.

1. Introdução

Alternâncias sintáticas são o fenômeno em que um predicado expressa seus argumentos em mais de uma configuração. Vários são os tipos de alternância presentes nas línguas (LEVIN, 1993), mas o português do Brasil (PB) vem apresentando um tipo inovador, não encontrado no português europeu (PE) nem em outras línguas românicas:

- (1) a. Nessa casa bate bastante sol.
b. Essa casa bate bastante sol. (PONTES, 1987, p. 34)
- (2) a. As pontas do jasmim amarelaram.
b. O jasmim amarelou as pontas. (PONTES, 1987, p. 35)

A alternância em questão envolve a possibilidade de expressar um mesmo sintagma – *essa casa* e *o jasmim*, em (1) e (2) – tanto preposicionado como não preposicionado. As leituras de cada versão implicam uma interpretação mais neutra ou mais impessoal, nas variantes preposicionadas, e menos neutra ou menos impessoal, nas não preposicionadas (PONTES, 1987). Quanto aos dados sem preposição, foco deste trabalho, acreditamos que sua leitura menos impessoal esteja relacionada ao fato de os sintagmas iniciais da oração ocuparem a posição de sujeito. Esses dados não têm agente implícito, portanto não projetam argumento externo (GALVES, 1998, 2001), o que permite sugerir a possibilidade de apresentarem um sujeito não típico.

O preenchimento da posição de sujeito pelos sintagmas iniciais das construções como (1b) e (2b) pode ser defendido com base em ao menos três argumentos empíricos. O primeiro é o de que eles desencadeiam concordância com o verbo, como mostra (3):

* Mestranda em Linguística pela Universidade de Brasília. Bolsista do CNPq.

** Doutora em Linguística, professora e pesquisadora da Universidade de Brasília.

- (3) a. Essas casas batem bastante sol.
b. * Essa casa batem muitos raios de sol.
c. Os jasmims amarelaram a ponta.
d. * O jasmim amarelaram as pontas.

Contudo, o PB apresenta concordância variável, o que impede que esse critério seja considerado definitivo (KATO, 1989; PONTES, 1987). Assim, o segundo argumento proposto é o de que os sintagmas iniciais de orações como (1b) e (2b) podem ser coindexados a uma categoria vazia que desempenha o papel de sujeito em uma oração coordenada, como evidência (4):

- (4) a. Essas casas_i batem bastante sol e não e_i possuem sistema de captação de energia solar.
b. O jasmim_i amarelou as pontas e e_i embelezou o jardim.
c. * O jasmim amarelou as pontas_i e e_i embelezaram o jardim.

Os fatos empíricos em (4) confirmam o que está descrito na literatura, que mostra que o sujeito nulo da oração coordenada apenas pode estar coindexado ao sujeito pleno da oração coordenante:

- (5) a. O mecânico₁ arranjou o pneu e e_1 / $*_2$ foi-se embora.
b. O mecânico₁ arranjou o pneu e ele $*_1/2$ foi-se embora.
(MORAIS, 2003, p. 77)

- (6) a. [Muita gente]_i trabalha naquela fábrica e e_i mora do outro lado da cidade.
b. * Naquela fábrica trabalha [muita gente]_i e e_i mora do outro lado da cidade.
c. [Naquela fábrica]_i trabalha muita gente e ainda assim e_i vai contratar mais cem funcionários até o final do ano.
(AVELAR, 2009, p. 5)

E o terceiro argumento é o de que os sintagmas iniciais de (1b) e (2b) controlam o sujeito da oração encaixada, como aponta (7):

- (7) a. Essas casas_i batem bastante sol porque e_i ficam distantes das árvores.
b. O jasmim_i amarelou as pontas porque e_i pegou muito sol.

O fato em (7) também é encontrado na literatura, como se constata em (8):

- (8) a. As crianças_i dormem ali porque e_i querem.
b. ?? Ali dormem as crianças_i porque e_i querem.
c. Ali_i dormem as crianças porque e_i é mais quente.¹
(PILATI; NAVES, 2010, p. 2)

¹ A concordância do verbo com o DP pós-verbal, isto é, o sujeito argumental em casos como (8b) e (8c) é descrita por Avelar e Cyrino (2009) como não obrigatória e menos natural que a concordância com o sintagma pré-verbal. Para os autores, a concordância com o DP pós-verbal pode ser um fato da periferia gramatical, possivelmente condicionado pelas normas da língua escrita culta, e não decorrente de uma propriedade da gramática nuclear.

Registradas pioneiramente por Pontes (1986, 1987), as frases do tipo (1b) e (2b) correspondem ao chamado “tópico-sujeito”, em que haveria, segundo a autora, uma espécie de reanálise do tópico como sujeito da oração. A interpretação de dados como (1b) implica que o sintagma pré-verbal seja locativo, e o pós-verbal, tema. Já dados do tipo (2b) consistem no tópico-sujeito genitivo, em que deve haver relação de todo-parte entre os sintagmas possuidor e possuído. A exigência de relação todo-parte, já apontada por Galves (1998, 2001), transparece no contraste entre (9) e (10):

- (9) a. Furou o pneu do meu carro.
b. Meu carro, furou o pneu dele.
c. Meu carro furou o pneu.
- (10) a. O carro do João pifou.
b. O João, pifou o carro dele.
c. * O João pifou o carro.

(GALVES, 1998, p. 22)

Em síntese, o tópico-sujeito consiste em um fenômeno em que um sintagma, em geral locativo – *essa casa*, em (1b) – ou possuidor – o todo a que pertence uma parte, como *o jasmim*, em (2b) –, pode aparecer sem preposição e ocupando a posição de sujeito.² A leitura de localização ou todo-parte depende das características lexicais dos DPs envolvidos e, sobretudo, da configuração sintática em que estes se encontram (LUNGUINHO, 2006). A alternância sintática incide exatamente no fato de esses mesmos sintagmas poderem aparecer com preposição, a qual, uma vez presente, é responsável por garantir as interpretações de localização e todo-parte.

Este trabalho fica assim organizado: na seção 2, mencionam-se propostas disponíveis na literatura que lidam com o tópico-sujeito; na seção 3, são descritos fatos semânticos e aspectuais que distinguem o tópico-sujeito genitivo do locativo; na seção 4, levantam-se hipóteses sobre a estrutura argumental dos verbos que permitem cada uma dessas construções; por fim, na seção 5, é oferecida uma síntese do artigo e são feitas considerações finais, onde se sugere a relação dos dados deste trabalho com outras construções no PB. O objetivo é oferecer uma descrição mais refinada dos dados envolvidos no fenômeno do tópico-sujeito, a fim de levantar evidências para uma análise futura.

2. O tópico-sujeito na literatura

Desde os estudos de Pontes (1986, 1987), o tópico-sujeito vem merecendo a atenção de pesquisadores brasileiros. A singularidade desse fenômeno no português do Brasil perante o europeu, associada a outros fatos sintáticos, tem permitido caracterizar o PB como língua de proeminência de tópico e de sujeito (KATO, 1989; KATO; DUARTE, 2008, 2009; PONTES, 1987) ou mesmo de orientação para o tópico, já que o verbo poderia concordar com esse elemento (COSTA; GALVES, 2000).

Segundo Pontes (1986, 1987), as construções de tópico-sujeito envolvem uma espécie de reavaliação dos sintagmas em termos de uma estrutura SVO. O tópico seria entendido como sujeito, uma vez que concordaria com o verbo; e o DP pós-verbal, sujeito lógico,

² As interpretações de lugar e de todo-parte são as mais comuns nos dados de tópico-sujeito, o que não exclui dados com leituras ligeiramente diferentes, como *Essa torneira não sai água* (PONTES, 1986, p. 177), em que o primeiro DP é entendido como origem ou fonte.

acabaria apresentando características de objeto, em especial a posição e a ausência de concordância verbal:

Ora, as duas características superficiais mais marcantes do sujeito em português são a posição (o sujeito é o SN que ocorre antes do V) e a concordância. Esse SN que ocorre depois de V nas Ss [sentenças] examinadas não tem nem uma das duas características do sujeito [...]. Por outro lado, esse SN posposto ao V compartilha de características do objeto em português: uma é a posição, ou seja, o fato de ocorrer posposto ao V; outra é não haver concordância (PONTES, 1986, p. 19).

O problema da análise do DP pós-verbal como objeto, segundo a autora, é que esse DP não pode ser nem apassivado, nem substituído por um clítico acusativo, como atesta (11):³

- (11) a. A Sarinha tá nascendo dente.
b. * O dente é nascido pela Sarinha. (PONTES, 1986, p. 19)
c. * A Sarinha nasceu-o. (PONTES, 1986, p. 23)

Já Kato (1989) problematiza as categorias tópico e sujeito por meio de uma abordagem comparativa entre o português e o japonês, línguas que seriam classificadas tipologicamente como de proeminência de tópico e de sujeito. Dados de tópico em ambas as línguas são ilustrados com (12) e (13):

- (12) a. A Maria, o carro dela quebrou.
b. Mari-wa, kuruma-ga koshoshita.
(13) a. Essa casa entra sol.
b. Kono ie-wa hi-ga ataru.
(KATO, 1989, p. 109)

Para a autora, ambos os sufixos japoneses -wa e -ga seriam marcas de sujeito, servindo o primeiro para marcar os sujeitos tópicos e o segundo, os sujeitos não tópicos. Eles estariam correlacionados, respectivamente, ao sujeito externo a VP, anteposto, e ao sujeito posposto, interno a VP, no português. Ainda segundo Kato (1989), o DP pós-verbal das sentenças de tópico-sujeito é um sujeito interno ao VP, sendo o DP inicial um sujeito de IP. Daí uma frase como *O carro furou o pneu* ter a configuração em (14), em que o sintagma *o pneu* é interpretado como parte do predicado de *o carro*, devendo a parte estar dentro do VP:

- (14) [SFlex [SN o carro] [Flex' [Flex] [SV [[V' [V furou]] [SN o pneu]]]]]
(KATO, 1989, p. 125)

Além disso, a autora mostra que tanto o português como o japonês admitem a justaposição sucessiva de sintagmas nominais:

³ Um efeito que acreditamos estar relacionado à própria natureza dos verbos que formam estas construções – verbos inacusativos, cujos argumentos internos tipicamente não aceitam a apassivação nem a cliticização:

- (i) Chegou a carta.
(ii) * Chegou-a.
(iii) *A carta foi chegada.

- (15) a. Taya-ga panku-shita.
b. Kuruma-wa, taya-ga panku-shita.
c. Mari-wa, kuruma-ga, taya-ga panku-shita.
- (16) a. Furou o pneu.
b. O carro dela, furou o pneu.
c. A Maria, o carro dela, furou o pneu.

(KATO, 1989, p. 126)

Em japonês, como mostra (15), a marcação morfológica muda ciclicamente com a inserção de elementos, passando os sintagmas que eram marcados por -wa a receber -ga, uma vez que haveria uma espécie de internalização a VP do argumento mais próximo do verbo quando surge um novo sintagma anteposto. No caso de (15c), *taya* é especificador do VP, portanto seu sujeito, marcado com -ga; *kuruma*, sintagma possuidor de *taya*, está adjungido ao VP, também recebendo -ga; e *Mari* é sujeito de IP, marcado -wa. Tanto no japonês como no português a adjunção a IP seria um recurso para adicionar sujeitos externos (KATO, 1989). Uma diferença entre o português e o japonês seria a de que o português apresenta concordância em IP, o que gera a consequência de que apenas o sujeito em IP – e não o adjungido – pode desencadear concordância e receber Caso (KATO, 1989). Um exemplo disso é (17), em que o DP *nós* associa-se a IP, recebendo dele o Caso Nominativo, e assim constitui-se como sujeito que desencadeia concordância, mas não o DP *O Pedro*:

- (17) a. O Pedro, nós vimos hoje.

(KATO, 1989, p. 127)

O trabalho de Figueiredo Silva (1996), por sua vez, opta por analisar o DP inicial do tópico-sujeito em termos de tópico. Para a autora, esse DP corresponde a um sujeito movido para o especificador de uma projeção TopP mais baixa. A análise baseia-se na proposta de CP explodido de Rizzi (1993/94 *apud* FIGUEIREDO SILVA, 1996), em que haveria duas projeções de tópico abaixo de CP e acima de IP.

Um problema dessa proposta é que, se esse DP encontra-se em posição de tópico, deve submeter-se às restrições impostas a essa categoria, como o fato de ocorrer antes de elemento QU-:

- (18) a. A Gianni, che cosa gli hai detto?
A João, o que lhe disseste?
b. * Che cosa, a Gianni, gli hai detto?
O que, a João, lhe disseste?

(RIZZI, 1997, p. 291)

Contudo, parece-nos que o DP inicial do tópico-sujeito não obedece a essa condição, como mostra (19):

- (19) a. Esse carro cabe muita coisa.⁴
b. O que (que) esse carro cabe no porta-malas?
c. Como que esse carro cabe mais coisas no porta-malas?
d. Quantos litros de gasolina esse carro cabe?

⁴ Os dados sem indicação de fonte bibliográfica são das autoras.

A ideia, presente na proposta de Figueiredo Silva (1996), de haver uma posição tópica entre C e T é desenvolvida também por Galves (1998, 2001). Para a autora, essa posição é Pessoa, uma categoria funcional que seria relevante sintaticamente em várias línguas ergativas e teria traços- ϕ não interpretáveis. Os dados de tópico-sujeito se caracterizariam pela ausência de argumento externo – isto é, da projeção de especificador de TP – e envolveriam a adjunção de um DP, que exerce papel de sujeito, a Pessoa:

(20) [PersP DP [PersP ϕ_i [TP V_i]] (GALVES, 2001, p. 260)

(21) [PersP o relógio [PersP ϕ_i [TP quebrou_i [VP o ponteiro ~~do relógio~~]]]]
 (LUNGUINHO, 2006, p. 136)

A checagem dos traços- ϕ de Pessoa ocorreria por meio do movimento coberto dos traços- ϕ do verbo para o núcleo dessa categoria. Esse movimento tornaria Pessoa uma extensão de TP, possibilitando ao DP em adjunção a Pessoa estar no domínio de checagem do traço Agr de Tempo. Isso geraria a concordância entre o verbo e o DP inicial da oração.

Um problema de postular o movimento do DP-todo para Pessoa é que ele se encontra inicialmente concatenado a uma preposição, que garante a interpretação genitiva. Com o movimento para Pessoa, não fica claro como o constituinte preposicionado se teria desfeito, nem como teria ocorrido o apagamento da preposição (LUNGUINHO, 2006). Outro problema reside na checagem dos traços- ϕ de Pessoa. Na análise, propõe-se que eles sejam checados com os traços- ϕ do verbo, mas estes também são não interpretáveis (LUNGUINHO, 2006).

Já para Costa e Galves (2002), cujo trabalho compara as posições de sujeito em uma perspectiva translinguística, o PB se caracteriza por ter movimento curto do verbo, apenas até T, e sujeito deslocado à esquerda. O movimento do verbo se limita a T porque AgrS no PB é uma categoria defectiva: não tem nem traços-D, nem traços-V que atraiam o verbo. Esse caráter defectivo se correlaciona à pobreza do paradigma verbal na língua, que contém sujeitos nulos, mas não mais os identifica pela concordância verbal. Assim, o EPP só pode ser satisfeito no especificador de TP, que tende a ser preenchido por um pronome lexical. A representação de frases com sujeitos pré-verbais seria:

(22) [AgrSP Subj [AgrSP [TP pro/ele V [VP t_{pro} t_v]]]]
 (COSTA; GALVES, 2002, p. 116)

Os dados de tópico-sujeito teriam estrutura como (23), em que não há projeção de especificador de TP e em que o DP pré-verbal se encontra em adjunção a AgrSP:

(23) [AgrSP DP_i [AgrSP AgrS_i [TP V-f_i [VP t_v pro_i]]]]
 (COSTA; GALVES, 2002, p. 121)

Na estrutura proposta em (23), os traços de concordância do verbo não entram em configuração especificador-núcleo com TP, e por isso passam a identificar os traços de AgrS, concordando com o DP pré-verbal. Quanto a esse DP, ele não pode estar no especificador de AgrP. Se estivesse, o traço de AgrS seria identificado pelo DP em seu especificador, e os traços do verbo permaneceriam sem identificação.

Finalmente, há o trabalho de Lunguinho (2006), que defende que o tópico-sujeito é uma estrutura de partição de constituinte. Ela ocorreria apenas com verbos inacusativos, cujo

único argumento se formaria pela concatenação de dois DPs (e não de um DP a um PP). Um desses DPs, o DP-todo, é alçado à posição de especificador de TP:

- (24) [TP [DP O CARRO] [T furou [VP ~~furou~~ [DP [DP ~~o carro~~] [D'O [NP pneu]]]]]]]
(LUNGUINHO, 2006, p. 142)

Vale notar que a numeração de (24) não contém pronome expletivo nem preposição, decorrendo a interpretação de todo-parte da configuração sintática em que os DPs se encontram. Essa mesma interpretação é garantida pela preposição em construções sem partição de constituinte, como (25):

- (25) a. O pneu do carro furou.
b. Furou o pneu do carro.
(LUNGUINHO, 2006, p. 13)

3. Tópico-sujeito genitivo e locativo

As construções de tópico-sujeito locativas e genitivas têm, conforme se viu acima, recebido tratamento uniforme. De fato, ambas se constroem com DPs iniciais definidos – (26a e b) e (27a e b) – e com um DP pós-verbal; portanto, parecem ter a mesma configuração sintática superficial.

- (26) a. Essa mala cabe muita coisa.
b. Mala com vários bolsos cabe muita coisa.
c. * Mala cabe muita coisa.
- (27) a. Essa televisão estragou o botão de desligar.
b. As televisões dessa marca estragaram o botão de desligar.
c. * Televisão estragou o botão de desligar.

Não são gramaticais sentenças com o DP inicial nu, como em (26c) e (27c), a menos que haja uma leitura de foco contrastivo – (28a) e (29a) – ou de genericidade (MÜLLER, 2003), sendo necessário, nesse caso, que tal DP se encontre no plural – (28b) e (29b):

- (28) a. MALA cabe muita coisa, mochila não.
b. Malas cabem muita coisa.
- (29) a. TELEVISÃO estraga o botão de desligar, aparelho de DVD não.
b. Televisões (sempre) estragam o botão de desligar.

Além disso, como afirmado acima, tanto o tópico-sujeito genitivo como o locativo representam casos de alternância sintática, podendo os DPs iniciais ser projetados sob uma forma preposicionada. Nesse sentido, varia apenas a seleção da preposição – (30a) tem a locativa *em*, e (30b), a genitiva *de*:

- (30) a. Cabe muita coisa nessa mala.
b. Estragou o botão de desligar dessa televisão.

Em alguns casos, como no seguinte verso de música popular,⁵ há ambiguidade quanto à interpretação locativa ou genitiva:

- (31) a. O coração de quem ama fica faltando um pedaço.
b. Fica faltando um pedaço no coração de quem ama.
c. Fica faltando um pedaço do coração de quem ama.

Contudo, há sutilezas que distinguem o tópico-sujeito genitivo e o locativo. Primeiro, existe um contraste de definitude. Enquanto as construções com sintagma locativo podem se formar com DP pós-verbal nu ou não nu – (32) e (33) –, as construções com interpretação de todo-parte exigem DP pós-verbal não nu – (34):

- (32) a. A festa da minha sobrinha sobrou comida.
b. A festa da minha sobrinha sobrou uma caixa de cerveja.
- (33) a. Meu tênis grudou um chiclete.
b. Meu tênis grudou chiclete.
- (34) a. Essa televisão estragou o botão de desligar.
b. * Essa televisão estragou botão de desligar.

Segundo, as frases de tópico-sujeito genitivo admitem as leituras de culminação e progressão do evento – (35) e (36), respectivamente –, em geral rejeitando a interpretação de estado permanente, em que, similarmente às sentenças médias (RODRIGUES, 1998), se atribui uma propriedade caracterizadora do DP inicial – (37). Já as sentenças de tópico-sujeito locativo admitem as três leituras, sem restrição quanto à perspectiva do evento ou estado – (38):

- (35) *Tópico-sujeito genitivo em leitura de culminação do evento*
a. O meu carro furou o pneu.
b. O Carlos André cresceu o nariz.
c. O jasmim amarelou as pontas.
- (36) *Tópico-sujeito genitivo em leitura de progressão do evento*
a. ? O meu carro tá furando o pneu.
b. O Carlos André tá crescendo o nariz.
c. O jasmim tá amarelando as pontas.
- (37) *Tópico-sujeito genitivo em leitura de estado (propriedade)*
a. * O meu carro fura o pneu.
b. * O Carlos André cresce o nariz.
c. ? O jasmim amarela as pontas.
- (38) *Tópico-sujeito locativo nas três leituras*
a. A festa da minha sobrinha sobrou comida.
b. Seu cabelo tá faltando queratina.
c. Essa casa bate bastante sol.

⁵ Djavan, *Faltando um pedaço* (1980).

Assim, embora o tópico-sujeito de interpretação de todo-parte e o de interpretação locativa se assemelhem, inclusive recebendo tratamento homogêneo na literatura, parece haver diferenças entre ambos, ao menos no que tange à definitude e a questões aspectuais, como as leituras de estado e evento. A seguir, sugerimos que pode haver, também, uma distinção em termos da estrutura argumental dos verbos que licenciam o tópico-sujeito genitivo e o locativo.

4. Tópico-sujeito e estrutura argumental

Conforme descrito na literatura, as construções de tópico-sujeito se caracterizam por não terem projeção de argumento externo (COSTA; GALVES, 2002; GALVES, 1998, 2001) e por se licenciarem com verbos inacusativos (LOBATO, 2006; LUNGUINHO, 2006). Na análise de Lunguinho (2006), como se viu, ocorre a bipartição do constituinte correspondente ao argumento interno, processo em que o subconstituente possuidor é alçado à posição de sujeito.

A hipótese que aqui desenvolvemos é a de que os DPs iniciais presentes no tópico-sujeito genitivo e no locativo se associam a elementos distintos: o elemento locativo seria selecionado pelo verbo; o possuidor (o todo), pelo nome possuído (a parte). Observando-se dados como (39)

- (39) a. O pneu furou.
b. O botão de desligar estragou.

nota-se que as frases são gramaticais mesmo não explicitando o elemento possuidor dos sintagmas *o pneu* e *o botão de desligar*. Já em sentenças como (40), a ausência do elemento locativo gera agramaticalidade:

- (40) a. * Bate bastante sol.
b. * Cabe muita coisa.

O que parece estar por trás dessas observações empíricas é o estatuto dos sintagmas possuído e possuidor, de um lado, e tema e locativo, de outro. Parece que, se no tópico-sujeito locativo tanto o sintagma tema como o locativo são vinculados ao verbo, fazendo parte de sua grade argumental, no tópico-sujeito genitivo, o elemento possuído por si só já é capaz de satisfazer a grade argumental do verbo. O elemento possuidor é parte do predicado do possuído (KATO, 1989), o que implica uma relação entre dois DPs, e não entre um DP e um verbo (PERINI, 2008).

Diante disso, nossa hipótese quanto ao tópico-sujeito locativo é a de que essa construção também se licencia com verbos inacusativos, porém biargumentais. A ideia de inacusativos biargumentais já foi proposta na literatura por Levin e Rappaport-Hovav (1995), ao tratarem de verbos inacusativos presentes em várias línguas e que não participam da alternância causativa – os verbos de existência e aparecimento. Partindo do pressuposto de que há uma relação entre existência e local, as autoras propõem que esses verbos teriam dois argumentos internos: o que descreve a entidade que existe (tema) e o que indica o local, ou até mesmo a referência temporal, onde se dá tal existência (locativo).

Ainda segundo as autoras, os verbos de existência e aparecimento em inglês têm em comum as características de exigirem argumento locativo, participarem do fenômeno da

inversão locativa, formarem construções com inserção de *there* e não apresentarem variante causativa:

- (41) a. The statue stood *(in the corner).
b. The purse lay *(on the table).
c. The picture is hanging *(on the wall).
(LEVIN, RAPPAPORT-HOVAV, 1995, p. 127)
- (42) a. In front of her appeared a fabulous sight.
b. In the desert flourished a utopian community.
- (43) a. There appeared a ship on the horizon.
b. There exists a solution to that problem.
(LEVIN, RAPPAPORT-HOVAV, 1995, p. 121)
- (44) a. A star appeared in the sky.
b. * The darkness appeared a star in the sky.
(LEVIN, RAPPAPORT-HOVAV, 1995, p. 122)

No caso deste estudo, a proposta de análise é a de que o tópico-sujeito locativo também se forma com verbos inacusativos que exigem dois argumentos, ambos DPs. Enquanto o argumento locativo é alçado à posição de sujeito, o argumento tema permanece em posição interna ao VP. Uma segunda forma de codificar os mesmos argumentos envolveria a presença da preposição *em*:

- (45) a. Muita coisa cabe nessa mala.
b. Cabe muita coisa nessa mala.
c. Nessa mala cabe muita coisa.

Essa hipótese ainda precisa ser testada para checar sua viabilidade. Se estiver correta, parece corroborar que, “[...] quando temos sentenças com dois argumentos, em que um deles não é um agente volitivo, as línguas tendem a neutralizar a codificação desses argumentos na sintaxe superficial, às vezes tratando ambos como argumentos internos, ou marcando os dois argumentos não-agentivos com o mesmo caso, ou ainda apresentando ordens alternativas de tal forma que o mesmo argumento apareça ou como sujeito ou como objeto do mesmo verbo” (KATO, 1989, p. 117).

5. Síntese e considerações finais

Este artigo abordou as construções de tópico-sujeito, envolvidas em um tipo de alternância sintática que ocorre no PB, mas não no PE nem em outras línguas românicas. Inicialmente, essas construções foram exemplificadas e argumentou-se, com base em testes sintáticos, em favor da ideia de que elas envolvem um elemento – quer o possuidor, ou todo, quer o locativo – que desempenha a função de sujeito da oração. Em seguida, foram brevemente apresentadas propostas que lidam com o tópico-sujeito na literatura, e observou-se que os dados de tópico-sujeito genitivo e locativo (as duas interpretações mais comuns desses dados) são tratados de maneira uniforme.

O trabalho dedicou-se a levantar fatos empíricos a fim de contrastar os dados de tópico-sujeito genitivo e locativo, o que se verificou em três perspectivas descritivas: i) a exigência ou não de definitude do DP pós-verbal; ii) as diferentes leituras permitidas pelo

tópico-sujeito genitivo e o locativo; e iii) a estrutura argumental dos verbos que licenciam o tópico-sujeito em ambas as interpretações. Esses fatos foram levantados em nível ainda descritivo e hipotético, e carecem de maior observação e testagem. Ainda assim, permitiram levantar a hipótese geral de que, no caso do tópico-sujeito genitivo, os verbos exigem apenas um argumento, sendo o elemento possuído relacionado ao elemento possuidor, e não diretamente ao verbo; já quanto ao tópico-sujeito locativo, parece haver verbos inacusativos com dois argumentos, um tema e um locativo, uma proposta de análise feita seguindo Levin e Rappaport-Hovav (1995).

Essa proposta relaciona-se com outras construções no PB, como as de *ter* existencial, que também apresentam elementos locativo e tema e parecem alternar da mesma forma que o tópico-sujeito locativo:

- (46) a. Naquele tanque tem roupa suja.
b. Aquele tanque tem roupa suja.

O PB admite também construções alternantes com elemento locativo opcional, como (47):

- (47) a. A luz acabou (na UnB).
b. A UnB acabou a luz.

E, ainda, construções com *dar* leve, e até de fenômeno da natureza, com elemento locativo alçado à posição de sujeito:

- (48) a. A Maria tava dando febre.
b. Essas florestas chovem muito. (KATO; DUARTE, 2009, p. 8)

Esses dados representam questões ainda em aberto neste estudo; em comum com o tópico-sujeito, porém, sabe-se que todos apresentam a posição de sujeito disponível para alçamento, o que pode estar relacionado a uma tendência de preenchimento dessa posição no PB (KATO; DUARTE, 2008, 2009; DUARTE, 1993).

Referências

- AVELAR, Juanito. *Inversão locativa e sintaxe de concordância no português brasileiro*. 2009. Disponível em: <<http://www.juanito-avelar.com/artigos%20e%20capitulos/Avelar%202009%20em%20prepara%C3%A7%C3%A3o%20Matraga.pdf>>. Acesso em: 9 set. 2009.
- AVELAR, Juanito; CYRINO, Sonia. Sobre constituintes locativos pré-verbais: paralelismos entre o português brasileiro e as línguas bantu (versão preliminar). In: MORAIS, Maria Aparecida Torres; ANDRADE, Maria Lúcia C. V. de O. *História do português paulista*. Campinas: Publief/Fapesp, 2009. v. II, p. 218-249. Disponível em: <<http://www.juanito-avelar.com/artigos%20e%20capitulos/Avelar%20e%20Cyrino%202009%20PHPP.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2009.
- COSTA, João; GALVES, Charlotte. *External subjects in two varieties of Portuguese: evidence for a non-unified analysis*. In: BEYSSADE, Claire; BOK-BENNEMA, Reineke; DRIJKONINGEN, Frank; MONACHESI, Paola (Ed.). *Romance languages and linguistic theory 2000: selected papers from Going Romance 2000*. Amsterdam: John Benjamins, 2002. p. 109-125. Disponível em:

<http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/pesquisa/artigos/COSTA_Jetal-Fase1a.pdf>.

Acesso em: 23 mar. 2010.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary (Org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Unicamp, 1993. p. 107-128.

FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina. *A posição sujeito no português brasileiro: frases finitas e infinitivas*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

GALVES, Charlotte. *Ensaio sobre as gramáticas do português*. Campinas: Unicamp, 2001.

_____. Tópicos, sujeitos, pronomes e concordância no português brasileiro. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n. 34, p. 19-31, jan./jun. 1998.

KATO, Mary. Tópico e sujeito: duas categorias na sintaxe? *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n. 17, p. 109-131, jul./dez. 1989.

KATO, Mary Aizawa; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Mudança paramétrica e orientação para o discurso. No prelo 2009.

_____. Indefinite subjects in Brazilian Portuguese, a topic and subject-prominent language.

WORKSHOP ON FORMAL LINGUISTICS, VII., Curitiba, ago. 2008.

LEVIN, Beth. *English verb classes and alternations: a preliminary investigation*. Chicago: The University of Chicago Press, 1993.

LEVIN, Beth; RAPPAPORT-HOVAV, Malka. The causative alternation: a probe into lexical semantics and argument structure. In: _____. *Unaccusativity: at the syntax-lexical semantics interface*. Cambridge, MA: MIT Press, 1995. p. 79-133.

LOBATO, Lucia Maria Pinheiro. Sobre a questão da influência ameríndia na formação do português do Brasil. In: SILVA, Denize Elena da (Org.). *Língua, gramática e discurso*.

Goiânia: Cânone; Grupo de Estudos de Linguagem do Centro-Oeste, 2006. p. 54-86.

LUNGUINHO, Marcus Vinicius da Silva. Partição de constituintes no português brasileiro: características sintáticas. In: SILVA, Denize Elena da (Org.). *Língua, gramática e discurso*.

Goiânia: Cânone; Grupo de Estudos de Linguagem do Centro-Oeste, 2006. p. 133-147.

MORAIS, Maria Aparecida Torres. EPP generalizado, sujeito nulo e línguas de configuração discursiva. *Letras de Hoje*, v. 38, n. 1, p. 71-98, mar. 2003.

MÜLLER, Ana Lúcia. A expressão da genericidade nas línguas naturais. In: MÜLLER, Ana Lúcia; NEGRÃO, Esmeralda V.; FOLTRAN, Maria José (Org.). *Semântica formal*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 153-172.

PERINI, Mário A. A valência na interface entre semântica e estrutura informacional. In: _____. *Estudos de gramática descritiva: as valências verbais*. São Paulo: Parábola, 2008. p. 335-352.

PILATI, Eloisa N. Silva; NAVES, Rozana Reigota. A hipótese de transferência de traços e o licenciamento da posição de sujeito no português do Brasil (handout de apresentação). In:

Ciclo de Palestras – Temas em Teoria Gerativa, 7., 20 jul. 2010. Brasília: UnB, 2010.

PONTES, Eunice. *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1987.

_____. *Sujeito: da sintaxe ao discurso*. São Paulo: Ática; Brasília: Instituto Nacional do Livro, Fundação Nacional Pró-Memória, 1986.

RIZZI, Luigi. The fine structure of the left periphery. In: HAEGEMAN, Liliane (Ed.).

Elements of grammar. Netherlands: Kluwer, 1997. p. 281-337.

RODRIGUES, Cilene Aparecida Nunes. *Aspectos sintáticos e semânticos das estruturas médias no português do Brasil: um estudo comparativo*. Brasília, 1998. Dissertação

(Mestrado em Linguística). Universidade de Brasília.